



Rivista dos Discentes de Programa de Pós-Graduação em História e Espaço - UFRN



## HISTORICIDADE EM TEMPOS DE YOUTUBE: uma análise da narrativa sobre a ditadura militar no canal nostalgia

Historicity in times of YouTube: an analysis of the narrative about the military dictatorship on the nostalgia channel.

André Wesley Barbosa Oliveira<sup>19</sup>

**Resumo:** A ascensão da internet no início dos anos 2000 transformou as interações sociais e criou oportunidades para debater eventos históricos. O YouTube, fundado em 2005, tornou-se um espaço essencial para a disseminação de conteúdos diversos, permitindo que criadores, muitas vezes sem formação acadêmica em história, alcançassem amplos públicos. Nesse contexto, o Canal Nostalgia destaca-se por unir entretenimento e conteúdos históricos. Este estudo analisa um vídeo do canal sobre a ditadura militar para examinar seu impacto na difusão e compreensão da história a partir da perspectiva da história pública digital. A pesquisa investiga como o canal apresenta as narrativas históricas e sua influência na percepção do público. A metodologia incluiu a análise quantitativa dos dados do vídeo e uma análise qualitativa da abordagem do tema.

**Palavras-chave:** História pública digital; YouTube; Canal Nostalgia; Ditadura militar.

**Abstract:** The rise of the internet in the early 2000s transformed social interactions and created opportunities to discuss historical events. YouTube, founded in 2005, became an essential space for the dissemination of diverse content, allowing creators, often without academic training in history, to reach broad audiences. In this context, the Nostalgia Channel stands out for combining entertainment with historical content. This study analyzes a video from the channel about the military dictatorship to examine its impact on the diffusion and understanding of history from the perspective of digital public history. The research investigates how the channel presents historical narratives and their influence on public perception. The methodology included a quantitative analysis of the video data and a qualitative analysis of the approach to the subject.

**keywords:** Digital public history; YouTube; Nostalgia Channel; Military dictatorship.

<sup>19</sup> Graduando em Licenciatura Plena em História Pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI), campus Dra. Josefina Demes – Floriano. Membro do Grupo de pesquisa - Núcleo de Pesquisa e Estudo em História, Territorialidades e Movimentos Sociais. Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/9855677885420688>. Orcid: <https://orcid.org/0009-0006-1898-4046>. E-mail: [andrewesleybo@aluno.uespi.br](mailto:andrewesleybo@aluno.uespi.br).



*Rivista dos Discentes de Programa de Pós-Graduação em História e Espaço - UFRN*



## Introdução

Nas últimas décadas, a cultura digital alterou profundamente a forma como o conhecimento histórico é acessado, produzido e compartilhado. A internet quebrou barreiras geográficas e institucionais, facilitando o acesso à história. A história pública digital examina como o conhecimento histórico é criado e aplicado fora do âmbito acadêmico, especialmente nas plataformas online. Nesse cenário, o YouTube, fundado em 2005, transformou a forma de aprender sobre história. Com milhões de vídeos visualizados diariamente, a plataforma se tornou um espaço que abrange desde entretenimento até discussões históricas. Seu formato visual e interativo cativa diferentes públicos, ampliando a disseminação de narrativas históricas e consolidando o YouTube como um dos sites mais acessados do planeta.

O YouTube, assim, exerce uma função fundamental na construção do imaginário coletivo contemporâneo. Vídeos sobre acontecimentos históricos podem atingir milhões de visualizações em poucos minutos, estabelecendo uma ligação imediata com os eventos abordados. Por isso, “Podemos dizer que a partir da web social a rede deixa de ser apenas uma ferramenta, e começa a influenciar na criação de sentido” (Souza, 2018, p. 18). Almeida (2011, p. 16) vai além: “em função dessa significativa ampliação do espectro de usuários que colaboram com a construção da Internet, fica evidente que os historiadores do tempo presente não podem negligenciar o potencial da rede como fonte de pesquisa”.

Entretanto, essa acessibilidade e rapidez na comunicação apresentam desafios consideráveis. Um deles refere-se à responsabilidade pela precisão e pela fidelidade histórica, uma vez que muitos dos criadores de conteúdo que abordam temas históricos não têm formação acadêmica específica na área. O que antes era quase exclusivamente controlado por historiadores e pesquisadores acadêmicos agora está nas mãos de criadores digitais que, mesmo sem uma base teórica sólida, conseguem moldar a compreensão histórica de amplos grupos da sociedade.



É importante ressaltar também, que este cenário de participação pública intensa no meio digital, possibilita de forma mais intensa uma disputa política pela memória, conflitos e discussões sobre como acontecimentos históricos são recordados, interpretados e representados na sociedade. Diversas leituras do passado podem ser empregadas para apoiar políticas vigentes ou para exigir direitos e reconhecimento. A narrativa tem a capacidade de formar percepções públicas, ressaltando ou obscurecendo determinados acontecimentos e personagens. Portanto, a disputa espelha os interesses daqueles que procuram moldar a compreensão coletiva da história para consolidar suas posições políticas. “Assim, as guerras de memória nos convidam a empreender uma análise sobre estreitas e complexas relações entre a mídia e a historicidade” (Pereira, 2022, p. 41 - 42)

O Canal Nostalgia é um exemplo evidente dessa dinâmica moderna, ao tratar de assuntos históricos complexos em um formato que combina informação e entretenimento. O Canal Nostalgia foi criado em 2008, mas começou a operar de fato apenas em 2011. É comandado por Felipe Castanhari, um youtuber, apresentador de TV e designer gráfico, nascido em Osasco, SP. Em 2016, ele foi reconhecido pela Forbes Brasil como um dos 30 jovens mais promissores do país. Atualmente, o canal conta com mais de 14,9 milhões de inscritos, 444 vídeos publicados até o momento e acumula mais de 1,5 bilhões de visualizações, destacando-se como parte de uma cultura emergente no Brasil que reflete restante do mundo no século XXI.

O canal surge “aproveitando-se da facilidade de acesso e do anseio da sociedade por informações” (Xavier; Santos, 2021, p. 11). Contudo, a popularização de temas históricos suscita questões significativas acerca dos possíveis limites entre o rigor acadêmico e a necessidade de manter o público envolvido:

No discurso do infotainment, as barreiras que separam o informar do entreter são quebradas. Devido a essa maleabilidade, é possível observar discursos em que a prioridade é informar e o entretenimento está ali como um chamariz para a informação, tanto como casos em que a prioridade é o entretenimento e a informação fica em segundo plano (Souza, 2018, p. 14).



*Rivista dos Discentes de Programa de Pós-Graduação em História e Espaço - UFRN*



Este contexto estimula uma análise crítica das possibilidades e obstáculos da história pública digital. Por um lado, há um potencial inegável para educar e inspirar, tornando a história mais acessível e relevante para as gerações atuais. Por outro lado, a simplificação de eventos históricos complexos, muitas vezes com o objetivo de maximizar visualizações e engajamento, pode levar a interpretações superficiais ou enviesadas. Dessa forma, é necessário considerar os impactos a longo prazo que essas produções digitais podem ter na construção da memória coletiva e na compreensão de eventos marcantes.

Este estudo, ao analisar um vídeo específico do Canal Nostalgia sobre a ditadura militar, propõe-se a investigar como o YouTube contribui para a difusão de narrativas históricas no ambiente digital. A análise busca entender as estratégias narrativas e audiovisuais empregadas para atrair o público e como essas escolhas afetam a percepção histórica dos espectadores. Além disso, o trabalho explora o equilíbrio entre a responsabilidade informativa e o apelo popular, questionando se é possível unir entretenimento e precisão histórica sem comprometer o rigor necessário ao tratar de temas sensíveis.

### **Narrativa da Ditadura Militar no Canal Nostalgia**

Publicado pela primeira vez em 25 de maio de 2016, o vídeo sobre a ditadura militar brasileira - “REGIME / DITADURA MILITAR” - no canal Nostalgia, ficou indisponível por conflitos de direitos autorais. Na época, o vídeo possuía mais de 12 milhões de visualizações e 887 mil likes. Sendo, após a resolução do conflito, republicado em 31 de julho de 2024, atualmente o vídeo conta com pouco mais de 600 mil visualizações e 50 mil likes.

A estrutura de organização do conteúdo do vídeo se dá da seguinte forma: 0:00 A Ditadura Militar – período em que a tomada de poder pelos militares é contextualizada - , 16:34 Castelo Branco (1964-1967), 22:26 Costa e Silva (1967-1969), 31:31 Médici (1969-1974), 41:43 Geisel (1974-1979) e 49:34 João



Figueiredo (1979-1985). Felipe Castanhari, apresentador do canal, se propõe a realizar uma tarefa difícil, dar conta de mais de 20 anos de acontecimentos diversos em 1 hora de vídeo.

Os recursos visuais são usados durante todo o vídeo, efeitos, materiais jornalísticos, trechos de discursos proferidos no período. A ambência criada é de um espaço de investigação, com a utilização de recursos que simulem arquivos e a escrita em uma máquina datilográfica. Elementos que remetem a uma tentativa de aproximação com o passado. No entanto, “nenhuma crítica documental” é efetivamente feita por Felipe (Carneiro, 2018).

Me voltarei ao que, mediante a análise, são os pontos que mais necessitam de atenção. O primeiro objetivo da narrativa é problematizar o uso dos conceitos “regime” e “ditadura”. Para Castanhari, ambos estão corretos, uma vez que:

[...] primeiramente foi um regime civil militar. As pessoas esquecem do civil já que ainda tínhamos civis no governo e também porque existia uma pseudodemocracia. Não podíamos votar para Presidente, mas podíamos votar para senador, deputado federal e estadual. Isso tudo para dar a ideia que ainda tínhamos alguma liberdade política, mas na verdade não era bem assim e ao decorrer do vídeo vocês vão entender isso. E sim em determinado momento foi uma ditadura Principalmente depois do A5 quando todos os direitos constitucionais, inclusive o direito de você saber do que está sendo acusado e também o direito a uma defesa, que é a base de qualquer democracia, foram completamente destruídos no Brasil. A constituição foi praticamente rasgada, torturavam pessoas, matavam pessoas, então em determinado momento também tivemos sim uma ditadura (Nostalgia, 2024).

A escolha do apresentador é sempre de buscar a neutralidade, tal escolha será problematizada adiante. “[...] esse vídeo será um vídeo neutro. A ideia de verdade desse vídeo é eu trazer informação” (Nostalgia, 2024). No entanto é possível delimitar alguns problemas gerados por tal posicionamento. Para Fico, por exemplo:

O regime subsequente foi inteiramente controlado pelos militares, de modo que adjetivá-lo em ressalva (“foi militar, mas também civil” ou empresarial ou o que seja) é supérfluo e impreciso – além de ter, como tudo mais em História do Tempo Presente, imediata implicação política: nesse caso, justamente por causa dessa adversatividade, a conotação é de redução da responsabilidade dos militares. (Fico, 2017, p. 53 *apud* Carneiro, 2018, p. 36).



*Rivista dos Discentes de Programa de Pós-Graduação em História e Espaço - UFRN*



É importante pontuar que essa discussão tem valor teórico e conceitual relevante, mas, no ambiente em que se desenvolve – o YouTube –, seu aproveitamento tende a ser mais prejudicial do que benéfico. Plataformas como o YouTube, que são voltadas para o consumo rápido de informações, muitas vezes não oferecem o espaço necessário para uma análise mais detalhada e crítica de termos complexos. A simplificação de conceitos pode comprometer a compreensão aprofundada e favorecer interpretações superficiais.

A disputa em torno da terminologia utilizada para descrever o regime militar possui claras implicações políticas, pois a forma como o período é retratado pode influenciar diretamente a percepção pública sobre a responsabilidade histórica, especialmente em relação aos militares. Termos que minimizam ou relativizam o papel das Forças Armadas nesse contexto podem distorcer o entendimento sobre o período. Para estudiosos da Ditadura no Brasil, como o professor Rodrigo Patto Sá Motta (2021, p. 121), esse aspecto é particularmente importante, pois:

Os militares foram a espinha dorsal do golpe e da ditadura. Sem eles, o governo Goulart não teria caído, pois, como vimos, o presidente tinha apoio popular e a opinião pública estava dividida. Os militares resolveram o impasse, definiram a queda de Jango e instituíram uma ditadura, que foi comandada por eles do princípio ao fim. Por isso, melhor chamar o regime político instaurado em 1964 de ditadura militar, o que não implica reduzir a responsabilidade dos seus apoiadores civis.

Outro ponto importante trazido para reflexão é o conceito de “pseudodemocracia”, usado por Castanhari. O termo sugere uma crítica à democracia que, embora aparente inclusão popular, não promove uma verdadeira participação cidadã. Embora o uso do conceito seja – novamente – relevante, falta uma análise mais profunda que explore as limitações dessa participação e os mecanismos que a sustentam.

Em uma cultura onde o consumo de informações é acelerado e superficial, muitas vezes voltado para o que se chama de “informação light” – ou seja, conteúdo simplificado e de fácil assimilação – a crítica ao uso do termo pseudodemocracia acaba sendo deixada de lado, com pouca ou nenhuma problematização. Assim, a



complexidade do conceito se perde, novamente, em uma abordagem acelerada, consequentemente, rasa. Para Rodrigo Turin (2019, p. 16.): “Na hiperaceleração do consumo de imagens e notícias, os tempos da crítica e da dúvida tornam-se anacrônicos, ou mesmo quixotescos”.

A falta de contextualização desse termo acaba por ocultar a maneira como a participação popular pode ser utilizada para sustentar certos interesses, sem promover uma inclusão democrática verdadeira. Essa superficialidade faz com que o apoio social pareça autêntico, enquanto serve mais como um mecanismo de controle do que de expressão popular. Diante disso, Anita Carneiro (2018, p. 38) faz um alerta importante, destacando as consequências dessa visão simplista, que pode reforçar uma falsa impressão de democracia participativa ao invés de questioná-la:

Muito do que os youtubers abordam em seus vídeos não podem ser classificadas como errados, mas sim como discussões rasas sobre temáticas que são desconhecidas por eles. Apesar das intenções da maioria de se posicionar a favor de visões democráticas, em muitos momentos acabam por perpetuar mitos que por vezes já foram superadas no âmbito historiográfico. Mencionar, por exemplo, que era possível votar para senador e deputados, mas sem aprofundar que essas eleições foram construídas de modo a favorecer o regime - sem mencionar artimanhas como a Lei Falcão e o Pacote de Abril -, transformam essas informações em questões encobertas por generalizações.

No decorrer da narrativa, o apresentador, ao falar da repressão estatal e das formas de resistência da esquerda, tanto enquanto de forma “democrática” - como nos protestos -, quanto no movimento de guerrilha, toma a violência desenvolvida pelos dois lados quase como tendo o mesmo peso. A validação dos atos de protesto, para ele, se dá pela passividade. “Então assim, estava rolando excesso dos dois lados, da esquerda e também da direita – dos militares – é claro, um pouco mais dos militares” (Canal Nostalgia, 2024). A reação enérgica da esquerda é tomada como infrutífera, ou desnecessária, pois, segundo ele, “violência não justifica violência” (Nostalgia, 2016).

Rodrigo Motta, mais uma vez, não anula as formas de resistência da esquerda. No entanto, é mais incisivo na identificação do problema. O Estado ditatorial, forja o seu próprio inimigo como forma de validação de sua luta. “Em síntese, as ações da



esquerda armada não tornam justificável a resposta ditatorial. As guerrilhas foram estimuladas pelo Estado autoritário e dificilmente teriam ganhado relevância na ausência do regime militar” (Motta, 2021, p. 162). As marcas da ditadura estão enraizadas na história do Brasil, uma vez que a mesma possibilitou “cenários sociais de autoritarismo e violência, pela perseguição intensa e generalizada daqueles que eram contrários às ideias do governo, com muitos deles sendo presos, torturados, exilados e até mortos” (Ferreira; Pereira, 2024, p. 251).

## Conteúdo Histórico como Produto

Não é possível, entretanto, tomar a narrativa desenvolvida pelo canal Nostalgia como um produto isolado. Antes, é um reflexo de forma de consumo característico da modernidade. Bloch (2001, p. 60) já alertava, “nunca se explica plenamente um fenômeno histórico fora do estudo de seu momento”. Por conseguinte, a experiência contemporânea só pode ser efetivamente tomada, levando em consideração o sistema neoliberal<sup>20</sup>.

O neoliberalismo leva a lógica de mercado a se infiltrar em todas as esferas da vida, transcendendo os limites da economia e remodelando indivíduos e instituições como agentes de mercado. Sob essa visão, a incerteza se torna uma norma absoluta, e o que Rodrigo Turin (2019) chama de “reconstrução ontológica do ser” ganha forma: tudo se torna fluido, adaptável e, para sobreviver, exige incorporação completa à lógica mercantil.

Nesse cenário, valores típicos do mercado — como eficiência, competição e a maximização de resultados — se espalham para setores como educação, saúde, cultura, relações pessoais e com a história não é diferente. “Caberia pensar, nessa chave, o que seria uma ‘operação historiográfica neoliberal’, [...] que determinam, de um modo ou de outro, a forma de conhecimento que é produzida” (Turin, 2019 p.

<sup>20</sup> O neoliberalismo é aqui entendido como uma ideologia que aplica princípios de mercado — como competição e eficiência — em todos os aspectos sociais e pessoais, reduzindo instituições e indivíduos a participantes econômicos e limitando a visão de alternativas ao capitalismo.



265). Cada aspecto da sociedade é reorganizado conforme regras de competição e desempenho, e a vida social se reduz a uma série de metas e estratégias. A influência do mercado chega a tal ponto que até nossa linguagem cotidiana reflete essa racionalidade empresarial, marcada pelo uso generalizado de termos como flexibilidade, inovação e produtividade.

As produções nas redes digitais e em especial no youtube, também não escapam a esses processos. A narrativa histórica no vídeo em análise sucumbe a mesma lógica. O conteúdo histórico como produto comercial reflete esse problema. Para atender à demanda de um mercado em expansão, conteúdos históricos têm sido ajustados a um formato atraente, respondendo a crescente “demanda pública” por história (Rodrigues; Borges, 2021; Castro; Rodrigues, 2024).

Esse modelo é especialmente visível na produção audiovisual com ênfase em histórias de figuras heroicas ou em uma abordagem de "história alternativa". Prova disso é o crescimento recente de obras com as seguintes conotações: “história para quem tem pressa”, “o guia politicamente incorreto da história”, que muitas vezes apela a sentimentos nacionalistas, identitários ou moralizantes. No caso de algumas produções contemporâneas, a narrativa tende a buscar um viés que projeta valores contemporâneos sobre figuras históricas ou enfatiza uma visão heroicizante.

Esse tipo de narrativa, ao simplificar as temporalidades históricas para atender a expectativas atuais, gera o que Valdei Lopes e Mateus Pereira (2019) chamam de "atualismo", uma abordagem onde o passado é reconfigurado para servir às demandas e discursos do presente. No entanto, esse processo envolve uma adaptação das narrativas históricas que frequentemente simplifica ou dramatiza os eventos:

O uso do YouTube como plataforma de veiculação dos vídeos também cumpre uma função estratégica nessa mobilização de uma temporalidade atualista e empreendedora. Primeiro porque, como uma mídia social, ele funciona segundo uma demanda constante por engajamento [...]. A assinatura do canal e, mais ainda, o “tornar-se membro” [opção da plataforma que permite que o inscrito contribua financeiramente com o produtor de conteúdo] atuam como mecanismos de inserção dos assinantes



*Rivista dos Discentes de Programa de Pós-Graduação em História e Espaço - UFRN*



no projeto e, consequentemente, de sua participação em um empreendimento heroico (Moraes; Cleto, 2023, p. 20).

A popularização do conteúdo histórico comercializado em formatos atrativos — como filmes, séries e livros de fácil leitura — trouxe o que Souza (2018) chamar de “infotainment”, uma mistura de informação com entretenimento. Esse modelo, alinhado às demandas de mercado, privilegia o engajamento rápido e o consumo fácil, o que acaba por tornar as narrativas históricas diretas e apelativas. “Surge, assim, um mercado voltado para o entreter, e o entretenimento torna-se, dessa forma, um tipo de indústria.” (Xavier; Santos, 2021, p. 10). Muitas vezes, esses conteúdos exploram temas e personagens populares, criando narrativas acessíveis que, embora atraiam o público, tendem a omitir nuances e complexidades importantes para uma compreensão efetiva.

Uma das estratégias mais evidentes de Castanhari nesse sentido, é o apelo à neutralidade. Aqui, é necessário entender-la não como um elemento moralizante do apresentador, ou como um atributo do seu compromisso informativo. A neutralidade é, antes de tudo, um instrumento que permite seus vídeos serem aceitos em âmbitos diversos da sociedade. Ou seja, um elemento de ampliação do seu mercado consumidor.

Isso acontece, como consequência da polarização política no Brasil nos anos anteriores ao da produção do vídeo. No ano de 2016, o Brasil vivia um cenário de profunda divisão política, intensificado pelo processo de impeachment da presidente Dilma Rousseff. Esse período foi decisivo para o aumento do extremismo político no país, com ideologias opostas se enfrentando e um agravamento no tom de disputa entre os grupos de direita e esquerda.

Eu me reuni com a equipe do Canal Nostalgia e a gente percebeu uma coisa: não é porque a situação do Brasil está como está, que a gente não pode falar do passado. Inclusive, a gente percebe que é o oposto, já que a situação está assim é a melhor hora pra gente falar disso. E repetindo, esse não é um vídeo de esquerda ou vídeo de direita. A ideia aqui é mostrar como as coisas rolaram durante o governo militar, assim, fatos históricos, porque é muito importante que a gente entenda como foi um dos períodos mais complicados da história do Brasil (Nostalgia, 2024).



A crise, impulsionada pelo descontentamento com a política convencional e por escândalos de corrupção, criou um clima favorável ao fortalecimento de posições extremistas. “Em uma radicalização de batalha ideológica que cresceu nos últimos anos, frequentemente dividida entre esquerda e direita, são empregados discursos e narrativas que competem online, cada um com suas respectivas visões.” (Silva, 2024, p. 357). O apresentador procede, então, não na tentativa de se encaixar em uma bolha específica (esquerda ou direita), mas buscando flutuar entre elas. Por conseguinte, sou levado a concordar com Rodrigo (2021, p. 10): “[...] uma história sem compromisso político seria desinteressante, insossa e pouco relevante”.

### **Aceitação Popular Como Meio de Validação**

Castanhari se apega como meio de validação de sua narrativa ao fato de ter contado com a ajuda do seu professor de história para a elaboração do vídeo, como se a ajuda de um historiador carimbasse o seu discurso como verdadeiro. No entanto, diante da postura do apresentador, é possível perceber que se ouve de fato ajuda significativa, ele abre mão ao simplificar as nuances contextuais ao tentar manter uma suposta neutralidade, deixando a narrativa solta, sem uma função social. “Em outras palavras, para compreender as ações humanas é preciso se aproximar dos valores e sentimentos dos agentes históricos, o que pode gerar empatia ou repulsa” (Motta, 2021, p. 10).

Outro elemento a ser levado em conta é a participação popular. A recepção do público em relação aos vídeos históricos no YouTube é fundamental, tanto para sua validação quanto para a expansão de seu alcance. Em uma plataforma como o YouTube, onde o envolvimento é avaliado por indicadores como curtidas, visualizações, compartilhamentos e comentários, o suporte dos espectadores não apenas demonstra a aceitação do assunto e da abordagem, mas também aumenta a exposição do vídeo. Esse engajamento funciona como um “selo de aprovação”, permitindo que o algoritmo do YouTube priorize os conteúdos mais bem aceitos,



*Rivista dos Discentes de Programa de Pós-Graduação em História e Espaço - UFRN*



promovendo-os para um público maior. Desenvolvendo a denominada cultura participativa (Burgess; Green, 2009).

No Youtube, no entanto, a apresentação de conteúdo é feita a partir da ação ativa do usuário, que se inscreve nos canais que mais lhe agradam, ou seja, o feed de um indivíduo pode ser completamente distinto de outro, enquanto a grade de programação tradicional se mantém a mesma independente de quem assiste. (SOUZA, 2018, p. 24).

Nos vídeos sobre história, que vão desde assuntos menos conhecidos até questões controversas, a recepção do público também evidencia a conexão emocional e ideológica do material. Quando a narrativa histórica se alinha aos interesses ou princípios de uma audiência, especialmente ao tratar de temas heróicos, nacionalistas ou identitários, o resultado tende a ser uma aceitação significativa, refletida em um alto número de likes e compartilhamentos.

Este envolvimento significativo nos vídeos de história valida o conteúdo de duas formas: primeiramente, reforçando a legitimidade e importância do criador como uma fonte de informação histórica na plataforma; e em segundo lugar, permitindo que o vídeo atinja um maior número de espectadores. O YouTube emprega as métricas de engajamento para impulsionar conteúdos que se mostram populares, ampliando sua visibilidade em recomendações e pesquisas. Portanto, a popularidade dos vídeos de história não só confirma a importância do conteúdo, mas também atua como um impulsionador de divulgação, possibilitando que assuntos históricos atinjam um público mais vasto, reforçando a função do YouTube como um importante meio de disseminação histórica (Rosenzweig, 2022).

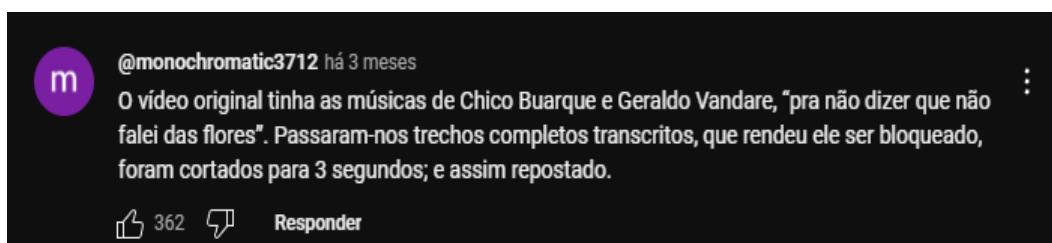
A seção de comentários se torna um local onde o público pode manifestar suas interpretações e visões a respeito do conteúdo apresentado. Criadores que discutem esses assuntos precisam estar prontos para interações que podem tanto apoiar quanto contestar a visão que foi exposta. Apesar de existir a opção de desativação dos comentários. O que não acontece com o vídeo em questão.

Diante disso, a relevância dos aspectos estatísticos e da participação pública é inegável como fontes fundamentais para análises de conteúdo e impacto. Métricas



como likes, visualizações e especialmente os comentários fornecem uma visão além da narrativa do vídeo, revelando interpretações e reações do público que o próprio conteúdo não abarca. A seção de comentários, por exemplo, funciona como um canal importante para discussões que vão além do tema central. Um exemplo é a informação compartilhada pelos usuários, que levantaram nos comentários possíveis razões para o vídeo ter enfrentado problemas de *copyright*, bem como levantando pontos que o criador pode não ter abordado diretamente.

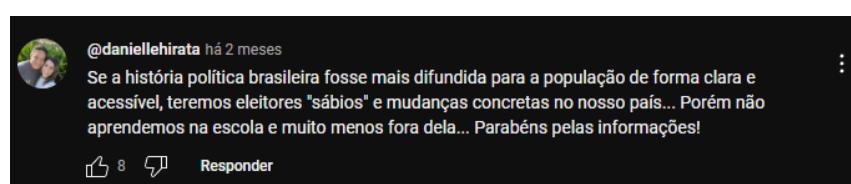
**Figura 1** – Comentário sobre motivo do bloqueio do vídeo



**Fonte:** “Regime/Ditadura Militar / HISTÓRIA”, Canal Nostalgia, 2024.

Um ponto interessante, é o fato da imagem de Castanhari estar associada à de um professor. Não é raro encontrar comentários de agradecimentos pela forma como os fatos foram apresentados, uma vez que esse conteúdo “não é bem trabalhado nas escolas”. E segundo os comentadores, deriva disso o mal posicionamento político atual.

**Figura 2** – Comentário



**Fonte:** “Regime/Ditadura Militar / HISTÓRIA”, Canal Nostalgia, 2024.

**Figura 3** – Comentário



**R** @ritavitaldasilva8796 há 2 meses  
Olá, bom dia.  
Antes quero dizer que fiquei encantada com seu vídeo, o seu modo de explicar a História é único e inigualável.  
Tenho 55 anos, estudei em escola pública e muito do que você explicou eu não tinha conhecimento, agradeço imensamente pela oportunidade, você é luz garoto, é conhecimento é história.  
Que Deus possa te abençoar cada vez mais e que você tenha sempre seus caminhos iluminados para o sucesso, um abraço grande ❤️ ❤️ ❤️  
Mostrar menos

20 Responder

**Fonte:** “Regime/Ditadura Militar / HISTÓRIA”, Canal Nostalgia, 2024.

Vale ressaltar que um dos possíveis problemas advindos de tal prática, é o descrédito da narrativa acadêmica sobre o acontecimento. Uma vez que as produções tendem a permanecerem exclusivamente na universidade. Evidencia, portanto, um dos benefícios da história pública, uma vez que ela pretende ampliar a circulação dessas produções para além dos espaços habituais. Esse tipo de problema pode ser reflexo da falta de ocupação dos historiadores nos lugares além dos meios tradicionais:

O vácuo deixado pelos historiadores nos ambientes digitais em um contexto em que a demanda pelo passado se torna cada vez mais emergente, somada a um descrédito desses profissionais por conta de narrativas políticas, resultam na popularização de discursos que falsificam o passado nas plataformas digitais. Por isso, urge a importância de os historiadores ocuparem cada vez mais esse tipo de espaço, não se limitando ao ambiente acadêmico. Nas últimas décadas, a ciência passou a ser produzida também fora da academia e o historiador deve estar atento às mudanças (Silva, 2024, p. 367).

Não podemos negar a importância desse tipo de material como ferramenta didática. Para Rosenzweig (2022), as ferramentas digitais e em especial, os materiais audiovisuais tem assegurado cada vez mais sua presença no ambiente escolar. Porém, os cuidados metodológicos não podem ser negligenciados. Para o mesmo, o perigo da presença da tecnologia em sala de aula “é a suposição equivocada de que ela sozinha seja capaz de transformar a educação”. Ele continua: “Embora som e vídeos sejam incríveis acréscimos ao ensino de história, essas mídias podem transformar a história em comerciais de televisão, nos quais os recursos vistosos da mídia se sobreponham a um contato sustentado com ideias difíceis de assimilar”.



*Revista dos Discentes de Programa de Pós-Graduação em História e Espaço - UFRN*



## Considerações Finais

De maneira geral, o crescimento da internet, especialmente através de plataformas como o YouTube, transformou significativamente o cenário da disseminação do conhecimento histórico. O Canal Nostalgia, ao combinar entretenimento com assuntos históricos, tornou-se um exemplo emblemático dessa nova forma de consumir informação. A análise de seu vídeo sobre a ditadura militar demonstra como a história pode ser apresentada de forma mais leve e envolvente, superando as barreiras das abordagens acadêmicas tradicionais e expandindo o alcance da discussão histórica para um público mais amplo e diversificado. Essa transição para o ambiente digital tem a capacidade de atrair indivíduos que, de outra maneira, poderiam não se sentir motivados a estudar história de forma convencional.

O estudo mostrou que, apesar de esse tipo de conteúdo tornar mais fácil o acesso e a compreensão de assuntos complicados, ele também traz desafios, especialmente relacionados à profundidade e exatidão das informações. A maneira como o Canal Nostalgia aborda temas históricos pode ser atrativa pela sua simplicidade, mas existe o perigo de uma análise rasa dos eventos. Isso aponta para a importância de os criadores de conteúdo assumirem uma responsabilidade maior, mesmo que não tenham formação acadêmica, buscando uma representação bem elaborada e contextualizada dos fatos para prevenir distorções ou ambiguidades.

Finalmente, é fundamental reconhecer a importância crescente da história pública digital na formação de uma memória coletiva que seja mais acessível e equitativa. Ao mesmo tempo, é preciso ter cuidado ao disponibilizar conteúdos históricos que, apesar de serem cativantes, não sacrificam a profundidade exigida para uma reflexão eficiente dos eventos discutidos. O Canal Nostalgia, assim como outros meios que abordam a história, tem um grande potencial de influenciar de maneira positiva a relação do público com o passado, mas esse efeito deve ser equilibrado com a rigorosidade e a dedicação à história.



Rivista dos Discentes de Programa de Pós-Graduação em História e Espaço - UFRN



## Referências

ALMEIDA, F. C. de. O Historiador e as Fontes Digitais: uma visão acerca da Internet como fonte primária para Pesquisas Históricas. **Revista Aedos**, [S. l.], v. 3, n. 8, 2011. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/aedos/article/view/16776>. Acesso em: 31 maio. 2024.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou O Ofício do Historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BURGUESS, Jean, GREEN, Joshua. **YouTube e a Revolução Digital**: como o maior fenômeno da cultura participativa está transformando a mídia e a sociedade. São Paulo: Aleph, 2009.

CARNEIRO, Anita Natividade. **A História Youtubada: A Ditadura Civil-Militar Brasileira No Youtube**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

CASTRO, Rafael Dias de; RODRIGUES, Thamara de Oliveira (ed.). **História Pública e teoria da História**. 1º ed. São Paulo: Letra e Voz, 2024.

FERREIRA, D. A.; PEREIRA, C. A. Discutindo a Ditadura Militar Brasileira em aulas de história: sequências didáticas com o uso do vídeo. **História em Revista**, v. 29, n. 1, p. 248-264, 30 jan. 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/HistRev/article/view/25801>. Acesso em 23 out. 2024.

MORAES, Everton de Oliveira; CLETO, Murilo Prado. A última cruzada: tempo e historicidade na série da produtora Brasil Paralelo. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 15, n. 38, p. e0108, 2023. DOI: 10.5965/2175180315382023e0108. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180315382023e0108>. Acesso em: 12 set. 2024.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Passados Presentes: O golpe de 1964 e a ditadura militar**. São Paulo: Zahar, 2021.

NICODEMO, Thiago Lima; ROTA, Alesson Ramon; MARINO, Ian Kisil (Org.). **Caminhos da história digital no Brasil**. 1. ed. Vitória, ES: Milfontes, 2022. E-book.

PACETE, Luiz Gustavo. **Os 7 sites mais acessados do mundo em 2023**. Disponível em:



<https://forbes.com.br/forbes-tech/2023/06/os-7-sites-mais-acessados-do-mundo-em-2023/>. Acesso em: 1 nov. 2024.

PEREIRA, Mateus Henrique de Faria. **Lembrança do presente**: ensaios sobre a condição histórica na era da internet. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

PEREIRA, Mateus Henrique de Faria; ARAUJO, Valdei Lopes de. **Atualismo 1.0**: como a ideia de atualização mudou o século XXI. Vitória: Milfontes, 2019.

RODRIGUES, Rogério Rosa; BORGES, Viviane (ed.). **História pública e história do tempo presente**. São Paulo: Letra e Voz, 2021.

ROSENZWEIG, Roy. **Clio conectada**: o futuro do passado na era digital. Tradução de Luis Reyes Gil. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

SANTOS, Adriana Cristina Omena dos; XAVIER, Amanda Marques Caixeta. Entretenimento e divulgação científica no YouTube: uma análise comparativa dos canais Nostalgia e Nerdologia. **Cambiassu**: Estudos em Comunicação, v. 16, n. 27, p. 5–23, 25 Jun 2021 Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/cambiassu/article/view/16537>. Acesso em: 9 set 2024.

SOUZA, Luciano Vieira de. **Do entretenimento à informação**: uma análise das estratégias semiodiscursivas no canal Nostalgia. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Jornalismo) – Universidade Franciscana, Santa Maria, 2018.

TURIN, Rodrigo. Presentismo, neoliberalismo e os fins da história. In: AVILA, Arthur; NICOLAZZI, Fernando; TURIN, Rodrigo (org.). **A História (in)disciplinada**: teoria, ensino e difusão do conhecimento histórico. 1 ed. Vitória: Milfontes, 2019, v. 1, p. 245 – 271.

TURIN, Rodrigo. **Tempos precários**: historicidade, aceleração e semântica neoliberal. Copenhague: Zazie Edições, 2019.